

OS PROCESSOS SENTAR E LEVANTAR EM RELATOS DESCRITIVOS DE LUSOFALANTES E HISPANOFALANTES

LUCAS BADARACCO¹; MIRIAN ROSE BRUM-DE-PAULA²

¹UFPEl – lucasbadaracco@hotmail.com (autor)

²UFPEl – brumdepaula@yahoo.fr (orientadora)

1. INTRODUÇÃO

A partir de exemplos do *corpus* de Slobin (1996), surgiram ideias para investigar assuntos cujos estudos no Brasil são incipientes. Dentre eles, escolheu-se analisar o modo como se expressam os processos *sentar* e *levantar* em relatos descritivos; em especial, ao serem usados nas estruturas linguísticas compostas por um verbo auxiliar (*estar*) e por um verbo principal no particípio. Por exemplo, para descrever uma cena em que há um menino sentado no chão, diz-se *O menino está sentado no chão*. No espanhol, assim como no PB, essas construções gramaticais integram a linguagem cotidiana dos falantes. Para a mesma cena, ter-se-ia *El niño está sentado en el suelo*.

Os exemplos de ambas as línguas expressam, conforme terminologia de Ilari e Geraldini (1992, p. 23), os mesmos elementos: *participante* (*o menino*), *processo* (*está sentado*), *circunstância* (*no chão*). Embora haja muita proximidade entre português e espanhol, há diferenças em relação aos verbos que cada língua admite em sintagmas formados pelo verbo *estar* seguido de um verbo no particípio. Diferentemente de *sentar*, o processo *levantar*, no PB, não pode ser expresso como segundo termo desse sintagma. Não é o que ocorre no espanhol, em que é aceitável dizer, para um cenário hipotético em que há um menino em pé em cima de uma cadeira, *El niño está parado arriba de la silla*.

O verbo *pararse*, que equivale a *levantar* nesse contexto, é passível de ser usado em forma de particípio. No PB, porém, o resultado seria uma sentença agramatical. Instaura-se, assim, uma discrepância que merece atenção, haja vista as implicações que pode trazer à compreensão do comportamento dessas línguas no momento da fala. Segundo Slobin (1996, p. 76), autor em cuja proposta se apoia este estudo, o conteúdo da mente (*pensar*) é muito específico ao acessá-lo para o uso (*falar*).

Neste trabalho, portanto, investigam-se os processos *sentar* e *levantar* ao serem usados no segundo termo do sintagma *estar + verbo no particípio*. O *corpus* é composto por duas línguas: português e espanhol. Objetiva-se, em suma, analisar quais são os efeitos de poderem-se usar ou não esses dois processos na forma de particípio em dois sistemas linguísticos próximos. Para tanto, adere-se aos pressupostos da Linguística Cognitiva, que “[...] adota uma *perspectiva baseada no uso*, tendo como uma de suas principais hipóteses a ideia de que o contexto orienta a construção do significado” (FERRARI, 2011, p. 18).

2. METODOLOGIA

Coletaram-se os dados de seis sujeitos: três falantes nativos do PB e três falantes nativos do espanhol. A escolha da faixa etária (20-55) foi aleatória, uma vez que essa variável não se considera essencial ao presente estudo. A coleta realizou-se em uma cabine acústica equipada com um computador, um monitor de LCD e um *notebook*. As amostras são de língua falada: relatos descritivos gravados por meio do *software* Audacity.

O procedimento consistiu em dispor, na tela do *notebook*, gravuras nas quais se retratavam cenas produzidas especialmente para esta pesquisa. Com isso, criaram-se dez cenários (nos quais havia sempre a mesma personagem) em que fosse mais possível haver a expressão das construções de *estar + verbo no particípio*. Após, pediu-se aos sujeitos que, olhando uma gravura de cada vez, respondessem a questões, especialmente formuladas para que os dados esperados aparecessem.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados parciais revelam que os falantes nativos do espanhol usam tanto *sentarse* quanto *pararse* no segundo termo do sintagma *estar + verbo no particípio*. Os falantes nativos do PB, por sua vez, somente usam *está sentado*, preferindo estratégias variadas em cenas nas quais hispanofalantes usam *está parado*. A análise dos dados está em andamento, mas os resultados finais poderão mostrar que há uma diferença significativa na expressão de um dos processos estudados. Enquanto o falante nativo do PB exprime o processo do participante da cena por meio de uma forma composta (em geral, *em pé*), o falante nativo do espanhol o exprime por meio de uma forma simples (*parado*). Se assim for, ter-se-ia uma situação que caracteriza a investigação do *pensar para falar*: o campo semântico em questão seria mais *expressivo* em uma língua do que em outra. Para Slobin (2003, p. 159), um conceito veiculado por um verbo (*parado*) é mais *expressivo* (mais *acessível* em termos psicolinguísticos) do que um veiculado por uma frase ou por uma forma composta (*em pé*). Haveria, logo, um contraste, no que respeita ao campo semântico espacial das duas línguas, que requer mais estudos.

4. CONCLUSÕES

Haja vista os resultados parciais, faz-se necessária a continuidade da pesquisa, a fim de melhor compreender as duas línguas selecionadas neste trabalho ao estarem em uso. Tentar-se-á verificar, desse modo, se os falantes percebem os mesmos cenários da mesma forma ou não.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FERRARI, L. **Introdução à Linguística Cognitiva**. São Paulo: Contexto, 2011.
- ILARI, R. & GERALDI, W. **Semântica**. 5ªed. São Paulo: Ática, 1992.
- SLOBIN, D. From “thought and language” to “thinking for speaking”. In: GUMPERZ, J. & LEVINSON, S. (Orgs.). **Rethinking linguistic relativity**. Cambridge University Press, 2003. Cap. 3, p. 70-96.
- _____. Language and thought online: cognitive consequences of linguistic relativity. In: GENTNER, D. & GOLDIN-MEADOW, S. (Orgs.). **Language in mind: Advances in the study of language and thought**. Cambridge, MA: MIT Press, 2003. Cap. 7, p. 157-192.